

ENSAIO¹ – UM BRASILEIRO SONHA COM GEORGE WASHINGTON E SEU “DISCURSO DE DESPEDIDA”

José Marcos Carvalho de Mesquita

Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professor na Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5897-1537>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7150900381295527>

George Washington serviu como Comandante em Chefe do Exército Continental na Guerra Revolucionária (1775-83). Após um curto período de aposentadoria, ele se tornou o principal impulsionador das etapas que levaram à Convenção Constitucional na Filadélfia em 1787. Quando a nova Constituição foi ratificada, o Colégio Eleitoral elegeu Washington, por unanimidade, como o primeiro presidente dos EUA.ⁱ

Ao ler o discurso de despedida de George Washington, comecei a pensar sobre meu país natal, o Brasil, e suas muitas aflições políticas. De repente, lembrei-me de uma velha conversa que tive com meu pai.

Um dia, quando eu era apenas um garoto, minha família e eu viajamos para visitar alguns amigos de meus pais que moravam a algumas horas de distância, em uma grande fazenda. A viagem significava que passaríamos por uma cidade que tinha uma grande usina de açúcar, com algum renome no Brasil. Como uma criança louca por guloseimas, devo ter imaginado que estávamos prestes a presenciar uma cena maior que o segundo ato do Quebra-Nozes, com sua deliciosa Terra dos Doces. Mas quando finalmente passamos pela cidade, fiquei desanimado ao ver o que era apenas um quadro sombrio e subdesenvolvido, nada condizente com a posição que o lugar tinha no cenário econômico brasileiro.

“Pai, isso é tudo?” Eu perguntei ao meu pai, totalmente perplexo.

¹ Ao reconhecer a natureza e o lugar reservado à Forma no Ensaio, a *REP* não altera as escolhas formais dos autores dos trabalhos submetidos e aceitos para publicação nesta seção.



“Filho”, ele respondeu, “ouça-me, onde quer que a política seja muito acirrada, suas vilas, cidades e estados nunca progridem. Dois grupos nesta cidade estão sempre lutando pelo poder, e tudo o que um faz, o outro destrói no momento em que ganha a eleição.”

Não entendi suas palavras na época, mas nunca as esqueci.

Agora, eu estou amedrontado, estou sim. Na pequena cidade onde cresci, na cidade grande onde estudei e trabalhei e em todo o país que ainda amo, observo que quanto mais acirrada a política, maiores tendem a ser os problemas socioeconômicos. O Brasil deu um passo gigantesco há 39 anos quando trocou seu governo militar por um democrático. Mas depois de nove eleições presidenciais altamente disputadas, a população agora está quase dividida em duas. Cada lado parece ser inimigo do outro. As relações familiares e as longas amizades estão em frangalhos. Por outro lado, a maioria dos políticos e apaniguados se dão bem; apesar de algumas discussões públicas, eles sempre concordam ao decidir e votar em questões em benefício próprio.

Mas o que o discurso de despedida de George Washington, proferido há mais de 200 anos na Filadélfia em 1796, tem a ver com a disfunção de um país latino-americano moderno? Pode até ser uma alucinação, no entanto, eu realmente acredito que o primeiro presidente da América delineou com precisão em seus comentários e advertências a uma nação incipiente pelo menos três problemas que os políticos ao longo dos tempos infligem em seus cidadãos, e não apenas nos Estados Unidos, mas também no Brasil.

Em suas palavras de despedida aos cidadãos que o elegeram duas vezes para liderá-los, Washington primeiro alertou sobre os perigos da divisão partidária:

Com ligeiras diferenças, vocês têm a mesma religião, maneiras, hábitos e princípios políticos. Vocês lutaram e triunfaram juntos em uma causa comum. A independência e liberdade que vocês possuem são o trabalho de grupos e esforços conjuntos; de perigos, sofrimentos e sucessos comuns... Ao contemplar as causas que podem perturbar nossa união, ocorre como motivo de séria preocupação, o de que qualquer região foi demarcada para ser caracterizada por meio de discriminações específicas: Norte e Sul, Atlântico e Oeste; designadas pelos homens, o que pode estimular uma crença sobre a existência de diferenças reais de perspectivas e interesses locais. Um dos expedientes partidários para adquirir influência, dentro de determinados distritos, é deturpar as opiniões e objetivos de outros distritos. Vocês não podem se proteger suficientemente contra os ciúmes e ressentimentos que brotam dessas deturpações.



Eles tendem a tornar estranhos uns aos outros, aqueles mesmos que deveriam estar unidos pelo afeto fraterno.ⁱⁱ

Que visão - ter previsto com precisão que os partidos políticos iriam incitar disputas entre grupos ou regiões que deveriam estar ligados pela fraternidade e interesses comuns! Faz sentido que um povo dividido seja mais fácil de dominar e manipular. Certamente é assim no Brasil. Apesar da lendária simpatia do país, o que temos em vez disso é uma beligerância generalizada e grupos separados por ideologias políticas, empurrando seus interesses e defendendo seus partidos favoritos em consonância com seus conhecidos ideais básicos. Inimizades sem fim foram criadas e fomentadas entre o Norte e o Sul, ricos contra pobres, esquerda contra direita. O princípio testado e aprovado “dividir para reinar”, defendido por Maquiavel e aplicado com frequência em civilizações antigas, mais uma vez parece estar de volta à moda.

A divergência cresce mais em anos eleitorais, quase dividindo a população em dois campos inimigos. Depois da contagem dos votos, as coisas se acalmam, mas os sentimentos de irmandade e fraternidade nunca são totalmente restaurados. Pior ainda, a cada eleição, os debates públicos tornam-se cada vez mais frágeis, menos civilizados. Alianças são formadas e quebradas, de acordo com a conveniência.

Nesse sentido, nós, cidadãos brasileiros, esquecemos nossos princípios e necessidades comuns e acabamos direcionados a um jogo de soma zero, pois os ganhos de um grupo muitas vezes significam perdas para outro. Em vez de cuidar do bem-estar geral, somos distraídos por espetáculos secundários. Somos um país pobre com muitas desigualdades e vários problemas sociais desesperadores. Deveríamos estar somando esforços para alcançar soluções. Deveríamos exigir de nossos líderes melhorias em saúde, educação, segurança e qualidade de vida. Não deveríamos ficar brigando entre nós e agravando problemas. Tudo isso é triste e lamentável, mas é a nossa realidade.

Antes de sair da pública, George Washington também alertou os cidadãos que ele amava sobre outra armadilha no campo político e, mais uma vez, foi profético: o uso descuidado dos recursos públicos:



Como uma fonte muito importante de força e segurança, valorize o crédito público. ... A execução dessa máxima pertence aos seus representantes, mas é necessário que a opinião pública coopere. Para facilitar-lhes o cumprimento do seu dever, é fundamental que se tenha em mente que para o pagamento das dívidas deve haver receita; que para haver receita deve haver impostos; que nenhum imposto pode ser concebido que não seja mais ou menos inconveniente e desagradável; que o embaraço intrínseco, inseparável da seleção dos objetos apropriados (que é sempre uma escolha difícil), deve ser um motivo decisivo para a construção sincera da conduta do governo ao fazê-lo, e por um espírito de aquiescência nas medidas de obtenção de receita, que as exigências públicas possam a qualquer momento ditar.ⁱⁱ

Embora parte de sua aversão à dívida tenha surgido das hostilidades de seu país com a Inglaterra, o conselho de Washington de usar recursos públicos com moderação também se aplica às economias em tempos de paz. No entanto, especialmente em anos eleitorais, os políticos em exercício muitas vezes adulam as massas repentinamente esbanjando gastos em programas que imaginam que os eleitores irão aplaudir. Além disso, a máquina governamental também é exagerada em tamanho e em constante crescimento, a fim de acomodar funcionários indicados por aliados políticos. Como resultado, o déficit público se expande e investimentos importantes de longo prazo em serviços públicos, como educação, saúde, transporte e iniciativas de segurança, são esquecidos.

Por fim, Washington demonstra em seu discurso uma habilidade rara, quase inédita entre os políticos, de se desprender das rédeas do poder para o bem de seu povo. Isso por si só deveria tornar seu discurso de leitura obrigatória para qualquer aspirante a político. Como explicou o líder que deixava o cargo:

Amigos e concidadãos: Não estando longe o período para uma nova eleição de um cidadão para administrar o governo executivo dos Estados Unidos, e sendo já chegado o tempo em que vossos pensamentos serão empregados na escolha da pessoa que será investida nessa importante função de confiança, parece-me apropriado, especialmente no que deve orientar uma expressão mais clara da opinião pública, que eu lhes comunique agora a resolução que tomei de declinar a consideração de meu nome entre a relação desses entre os quais uma escolha será feita...A aceitação e a permanência até agora no cargo para o qual seus sufrágios me chamaram duas vezes foram um sacrifício uniforme de inclinação à opinião do dever e uma deferência pelo que parecia ser seu desejo. Eu sempre esperava que, muito mais cedo, tivesse em meu poder, consistentemente com motivos que eu não tinha liberdade para desconsiderar, retornar àquela aposentadoria, da qual eu havia sido relutantemente retirado. A força de minha vontade de fazer isso, antes da última eleição, levou até à preparação de um discurso para declará-lo a vocês; mas uma reflexão madura sobre a postura então perplexa e crítica de nossos negócios com nações estrangeiras, e o conselho unânime de pessoas que merecem minha confiança, me impeliram a abandonar a ideia.ⁱⁱ



Se Washington tivesse concorrido ao cargo pela terceira vez, provavelmente teria vencido. Ele estava no auge de sua popularidade. Mas ele recusou, em parte porque não queria assumir nenhuma das armadilhas da monarquia que os americanos passaram anos derrubando. Washington acreditava que era do interesse dos americanos serem responsáveis por suas próprias decisões e por contratar – e demitir – os líderes que selecionavam para representá-los, por mandatos limitados.

Sempre que um cargo político se torna a carreira profissional de alguém, a noção de ser o “representante” de outra pessoa perde o sentido. Ser eleito para um cargo público é um privilégio e uma honra. Os ocupantes de cargos públicos devem ter em mente que foram escolhidos para representar os interesses dos eleitores e desempenhar esse papel adequadamente. Nenhuma posição deve ser usada como um substituto para um meio de subsistência permanente.

De acordo com a lei brasileira, os candidatos eleitos a cargos majoritários, como prefeito, governador ou presidente, podem cumprir apenas dois mandatos consecutivos, embora possam concorrer novamente após um período afastado. Vereadores, deputados e senadores não têm essa limitação. Muitos, de fato, cumprem vários mandatos sem interrupção. Alguns nunca deixam o cargo até se aposentarem ou morrerem. Além disso, essa frouxidão nas regras também enriquece os amigos e familiares dos titulares de cargos, que podem ser contratados por longos períodos às custas do dinheiro público.

Então, o que, Brasil, devemos tirar de tudo isso? Somos um país grande, com riquezas naturais abundantes. Somos um povo pacífico e fraterno. Porém, somos um país social e economicamente pobre, cheio de desigualdades e cheio de problemas. As condições socioeconômicas não correspondem ao nosso potencial, como a pequena cidade que visitei quando era criança. A política e os políticos têm algo a ver com essa situação? George Washington, imagino, diria “pode apostar”.



ⁱ Recuperado em 18 de fevereiro de 2023 de: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/george-washington/>

ⁱⁱ Recuperado em 18 de fevereiro de 2023 de: https://avalon.law.yale.edu/18th_century/washing.asp

